

BLUMENAU EM CADERNOS



TOMO XXII

Nº. 5

Maio de 1981

CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de :

Artur Fouquet - Blumenau
Buschle & Lepper S. A. — Indústria e Comércio
Casa Flamingo Ltda.
Casa de Móveis Rossmark S. A.
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau
Consulado Alemão - Blumenau
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Empresa Auto Viação Catarinense — Blumenau
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Imobiliária «D L» Ltda.
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
João Felix Hauer - Curitiba
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda.-Itoupava Seca - Blumenau
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau
Madeireira Odebrecht Ltda. - Blumenau
MAFISA - Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
MAJU - Indústria Têxtil Ltda. - Blumenau
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau
Tipografia e Livraria Blumenauense S. A.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXII

Maio de 1981

Nº 5

S U M A R I O

Página

SUBSÍDIOS À CRÔNICA DE BLUMENAU	130
HISTÓRIA ROMANCEADA DE BLUMENAU	135
JOSÉ ATHANÁZIO, MEU PAI	146
CURIOSIDADE DE UMA ÉPOCA — II	151
EXCURSÃO CULTURAL A TRENTO — ITÁLIA — V	152
ACONTECEU ... — Abril de 1981	154
“DEUTSCHER TURNVEREIN ZU JOINVILLE”	156
GUSTAVO ADOLFO KONDER	158
CURT HERING	159

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 200,00

Número avulso Cr\$ 20,00 -- Atrasado Cr\$ 30,00

Assinaturas para o exterior Cr\$ 200,00 mais o porte Cr\$ 150,00 total Cr\$ 350,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

CAPA — Foto do industrial Curt Hering, cujo centenário de nascimento ocorreu neste mês. (Texto à pg. 159)

Subsídios à Crônica de Blumenau

Por FREDERICO KILIAN

Extratos do jornal "Der Urwaldsbote"

Em meados de Julho chegou a Blumenau o Dr. Oscar Castilhos, que até então exercia o cargo de Chefe do Departamento de Terras em Erusque. O Dr. Castilhos foi nomeado para o cargo de fiscal do governo junto à construção da Estrada de Ferro Sta. Catarina.

*

COMETA: — Escreve o "Der Urwaldsbote" de 21 de agosto de 1907: Há vários dias, entre às 3 e 6 horas da manhã, a população de Blumenau pôde observar na parte leste do céu, um enorme cometa, cuja cauda toma cerca de 1/4 da abóbada do céu.

*

CAIXA ECONÔMICA AGRÍCOLA: Urwaldsbote de 28 de Agosto de 1907. Em folheto anexo ao jornal saiu publicado o Estado do Sindicato Agrícola de Blumenau, que tem por fim defender e representar os interesses dos agricultores e fundar, filiada ao mesmo, uma caixa econômica. Os referidos estatutos foram elaborados nos moldes do "Sindicato Agrícola Joinvillense".

*

ENCHENTE: Urwldb. Nº 20 de 7.9.1907: Fortes trovoadas desabaram no começo da semana sobre Blumenau. Desde o meio dia de terça-feira, dia 3, até à noite de quarta-feira, choveu incessantemente e 5ª feira, dia 5 a água invadiu as ruas da cidade, pondo muitas casas debaixo d'água. À noite o nível da água estacionou. O trânsito ficou interrompido em muitos trechos das ruas, sendo feita a travessia ou todo o percurso, por meio de canoas. Muitas famílias ficaram desabrigadas e tiveram que se refugiar e alojar em casa de vizinhos ou conhecidos. Há 5 anos que a população não assistira mais uma enchente de igual porte. O transbordo do Rio Itajaí-açu foi causado devido as chuvas torrenciais que caíram nas zonas da Hansa, Pouso Redondo, Rio do Sul e do alto Vale do Itajaí, causando o elevado nível do rio.

*

O DIA 7 DE SETEMBRO: O feriado nacional, 7 de Setembro, apesar do mau tempo e a recente enchente, foi condignamente festejado e comemorado em Blumenau. Ao amanhecer a Banda de Música Werner, mesmo sob cerrada chuva, tocou a alvorada, executando algumas peças na praça em frente à Prefeitura. Somente o desfile escolar, na parte da manhã e a retreta no jardim público, tiveram que ser cancelados, devido ao mau tempo. Porém o festival organizado pela Escola Nova, realizou-se com boa assistência no Teatro Frohsinn, tendo tocado no local as bandas de música "Werner" e "Liberdade". Apesar do mau tempo os bailes realizados à noite no salão dos atirado-

res e no do Hotel Holetz estiveram bem animados. No salão dos Atiradores, festivamente enfeitado, o baile teve início após o discurso alusivo à data, proferido pelo Dr. Juiz de Direito da Comarca. Pela meia noite, porém, o baile teve que ser suspenso, já que as águas do rio Itajaí, invadiram novamente as ruas dos Atiradores e das Palmeiras, mas muitos dos que deixaram o salão dos Atiradores, continuaram no Salão Holetz com os que ali bailavam, até ao amanhecer do domingo.

CINQUENTENÁRIO DA COMUNIDADE EVANGÉLICA: (Urwld. Nº 13 de 14.08.1907): A Comunidade Evangélica de Blumenau comemorou, na sexta-feira, dia 9 de Agosto, o cinquentenário de sua constituição, com um culto solene e outras festividades programadas para esse dia. Na manhã, a igreja, festivamente enfeitada, não pode conter todos os fiéis. O Pastor Lange, de Brusque, celebrou a liturgia e o Pastor Mummelthy a prédica. Deu um relato retrospectivo sobre o desenvolvimento da comunidade, lembrou a benevolência do então Imperador D. Pedro II, que contribuiu para a construção da igreja, bem como a do fundador da colônia, Dr. Blumenau, que doou à comunidade grande área de terras e enalteceu ainda a atuação e o merecimento do primeiro Pastor, P. Oswald Hesse, falecido há 28 anos. O Pastor Lic. Braunschweig, representante da Igreja Evangélica da Alemanha e do Concílio Superior de Berlim, saudou a comunidade em nome da Igreja Evangélica Alemã e o Pastor Runte, de Badenfurt, em nome da Conferência Pastoral de Santa Catarina. O Festival religioso foi abrihantado com a colaboração do coro da igreja que entoou várias canções e a Banda de Música Werner contribuiu, executando algumas peças religiosas. Após o culto todos os presentes se dirigiram ao cemitério, depositando flores e coroas no túmulo do Pastor Hesse, onde o Pastor Rudolph, de Timbó, proferiu um discurso. À tarde, pelas 14 horas, um elevado número de membros da comunidade, homens e mulheres e convidados de honra, tomaram parte num banquete na casa dos Atiradores. À noite, conforme estava programado, realizou-se na casa dos Atiradores uma reunião familiar dos membros da comunidade. O grande salão estava repleto até ao último lugar. Com o cântico: "Castelo forte é Nosso Senhor", teve início a reunião familiar. O Pastor Mummelthy cumprimentou os presentes, terminando com um brinde ao soberano alemão, na qualidade de protetor das igrejas evangélicas no exterior. Em prolongado discurso o Pastor Lic. Braunschweig falou sobre a vida e atuação da igreja evangélica na Alemanha e as providências dispensadas às comunidades evangélicas no exterior. O Sr. Fouquet cumprimentou, em nome da municipalidade, os presentes e visitantes vindos de outras localidades.

O Pastor Lange transmitiu as saudações da Comunidade de Brusque e o Pastor Runte falou em nome da Conferência Pastoral.

A seguir o Pastor Rudolph, de Timbó, falou sobre a vida familiar cristã e o papel da família na formação espiritual e moral da juventude, futuro sustentáculo da comunidade e da Nação brasileira. Nos intervalos o coro da igreja entoou várias canções e os alunos da

Escola Nova apresentaram canções e declamações de poesias, sendo muito aplaudidos. O Sr. Wilhelm Scheeffer, como Presidente da Comunidade levantou o brinde de honra ao Presidente da República. Como destaque especial foi anotado e lembrado que dos membros da Comunidade que há 50 anos atrás assistiram ao primeiro culto, no antigo rancho dos imigrantes, achavam-se presentes a esta festa os senhores Otto Stutzer e Francisco Faust. Em homenagem ao cinquentenário da comunidade, o comércio local não abriu nesta sexta-feira.

— o —

Julho e outubro de 1908

1.7.1908 — DEFICIÊNCIA DO SERVIÇO POSTAL — Conforme comunica o jornal, ha quase duas semanas Blumenau não recebia mais malas postais, ficando assim isolado do mundo externo e somente na última semana aportaram, em curtos intervalos, três vapores do Lloyd em Itajaí, — o "Júpiter" e o "Muquy", vindos do Norte e o "Sirio", vindo do Sul, sendo esperado também o vapor "Max" de Desterro, trazendo correspondência.

Uma carta, posta no Rio de Janeiro no dia 10 de junho, levou 19 dias para chegar a Blumenau. Tal fato ocorrerá enquanto o Lloyd Brasileiro não perder o privilégio da condução de malas.

Entre as notícias chegadas com estas malas postais, constava que no dia 22 de junho de 1908 chegara ao porto de Santos a primeira leva de imigrantes japoneses, ao todo 300 imigrantes, esperando-se para breve outras levas, para trabalharem nos cafezais paulistas.

— o —

URWLDS. Nº 2 — 4 de julho — O senhor Campos Lobo realizou, com êxito, a primeira viagem, sozinho, em uma carruagem, tipo "aranha", do Estreito a Lages, onde chegou na tarde do dia 22 de julho, levando 5 dias para este trajeto. Com esta façanha os lageanos alimentam a esperança que o governo resolva construir uma estrada carroçável entre a capital e Lages.

O engenheiro Henrique Krohberger, que exercia o cargo de auxiliar técnico no Departamento de Estradas de Rodagem foi aposentado e em seu lugar foi nomeado o engenheiro Eduardo Bomkessler, com o ordenado de Rs. 3:000\$000 (três contos de réis) por ano.

— o —

A CAIXA AGRÍCOLA (Caixa Econômica do Sindicato Agrícola de Blumenau) que começou a funcionar no principio do ano de 1908, acusou um movimento no mês de junho de Rs. 18:741\$700 de depósitos e de Rs. 863\$700 de retiradas, contra Rs. 16:416\$420 de depósitos e de Rs. 50\$430 de retiradas no mês de maio e Rs. 11:463\$850 de depósitos e 277\$250 de retiradas no mês de abril. O total de depósitos até 30 de junho importou em Rs. 94:462\$700 para um total de 347 cadernetas de poupança, cabendo, assim, a cada caderneta, em média, a quantia de Rs. 272\$230, o que representa um bom resultado nos primeiros 6 meses de existência da Caixa Econômica do Sindicato Agrícola de Blumenau e demonstra a necessidade que havia de se instituir este estabelecimento financeiro no município.

O mesmo jornal do dia 4.7, noticia que em Rodeio existe uma fábrica de fogos de artifício a qual também fabrica bombas "traques", o que levou as autoridades policiais a publicar o seguinte EDITAL: Comissariado de Polícia de Blumenau, 2 de julho de 1908. É terminantemente proibido jogar-se bombas explosivas nas ruas depois das seis horas da tarde, sob as penas da lei. O Comissário de Polícia: — Paulo Zimmermann.

Nº 3 de 8.7.1908 — Grandes bandos de gafanhotos invadiram o município, causando imensos estragos na encosta sul da Serra do Itapocu, entre o Rio dos Cedros e Massaranduba. No Rio do Teste os gafanhotos apareceram por duas vezes e por duas vezes liquidaram com toda a plantação de milho, de forma que os colonos tiveram que plantar o milho neste ano por três vezes.

O PREÇO DA LUZ ELÉTRICA — O senhor F. G. Busch, proprietário da Usina Elétrica da Garuba, anunciou os novos preços da luz elétrica, cobráveis mensalmente, de acordo com a potência das lâmpadas, cobrando: Para cada foco de 5 velas, 1\$400 réis; de 10 velas, 2\$400 réis; 16 velas, 3-000 réis; 25 velas, 3-600 réis; 32 velas, 6\$000 réis. Os preços se referem por lâmpada e o fornecimento de luz até a meia noite. As despesas de cobrança corriam por conta do consumidor.

Nº 4 de 11.7.1908 — ESTRADA DE FERRO — Devido aos trabalhos da construção da Estrada de Ferro Santa Catarina, no trecho do Morro do Ribeirão da Ilse, a estrada municipal ficou quase que intransitável, ficando completamente interrompido o trânsito em época de chuva. Constantes reclamações junto à Empresa construtora da Estrada de Ferro não surtiram efeitos, pelo que recorreu-se ao expediente da publicação dessa ocorrência nos jornais locais.

AINDA OS GAFANHOTOS — Novos bandos de gafanhotos apareceram na colônia, em especial em Santa Maria e Benedito Novo, onde ficaram pastando durante oito dias, arrazando toda a vegetação. As árvores nuas do mato davam a impressão de que suas folhagens haviam sido devoradas pelo fogo. Nos dias 6 e 7 de julho, o bando, o qual formava uma esteira de cerca de seis quilômetros de largura, continuou seu vôo, durando a sua passagem perto de seis horas, em direção à Estrada dos Pomeranos.

TIMBÓ — Dia 5 de julho o Pastor Rudolph despediu-se, no culto do domingo, da Comunidade Evangélica de Timbó, na qual serviu durante 6 anos, regressando para a Alemanha, sendo substituído provisoriamente pelo Pastor Hobus, até chegar o novo Pastor.

Nº 5 de 18.7.1908 — CINEMAROPHON — Conforme notícia o jornal, este aparelho, que é uma combinação de atuação simultânea de projeto de filme e gramofone, foi exibido nas noites dos dias 11 e 12 de julho, com pleno êxito, após terem sido resolvidos os pro-

blemas técnicos e superadas suas dificuldades. Assim os blumenauenses foram os primeiros a assistir o cinema falado, sendo apresentadas comédias, duetos de vários trechos de óperas e operetas. Entre outros filmes foram exibidos "O Carnaval de Veneza", um dueto do "Trovador", dueto da "Viuva Alegre", e outros, além de vistas das Cataratas da Vitória do Rio Sambesi na Africa e outros.

— o —

Nº 7 de 22.7 — TELEFONE — Este meio de comunicação tende em se generalizar cada vez mais. Além da linha telefônica do governo federal que liga a cidade de Blumenau com as povoações de Apiuna (ex-Rio dos Bugres) e Hamônia (hoje Ibirama), existem linhas particulares das seguintes firmas: Salinger & Cia., Gebrüder Hering, Probst & Cia., e Jensen & Cia.. Esta firma possuía até agora a mais longa linha, ou seja, da cidade até Fidelis e Itoupava Central, porém a firma Richard Paul superou aquela com sua linha de Itoupava Seca até Timbó, utilizada também pela firma Blohm do centro da cidade, numa extensão de 30 quilômetros, passando por Mulde.

— o —

ESTRADA DE FERRO SANTA CATARINA — A construção desta via férrea continua em ritmo acelerado. Os dois pilares de pedra, para a ponte sobre o Rio Itajai, acima de Morro Pelado, estão concluídos e a empresa instalou um hospital próprio, em Warnow, para o qual contratou o médico Dr. Batz, que até então tinha um contrato com a Comunidade de Timbó. Em virtude da saída do Dr. Batz de Timbó, a Sociedade Hospitalar de Timbó, fundada em fevereiro de 1908 e que mandara vir o médico da Alemanha, dirigiu-se por carta aos Srs. Alvin Schrader e Pedro Christiano Feddersen, que na época se encontravam na Alemanha, pedindo que conseguissem um outro médico para aquela povoação.

— o —

Nº 8 de 25.7 — TEATRO FROHSINN — No dia 26 de julho, por ocasião da apresentação de duas peças teatrais desta sociedade, foi inaugurada a iluminação elétrica do salão e do palco do teatro, com a energia elétrica fornecida pelo Sr. F. G. Busch, pois até então a iluminação era feita por lâmpadas a querosene.

— o —

Nº 10 de 1.8 — ACIDENTE POR EXPLOSÃO — Terça-feira, dia 28 de julho, aconteceu na localidade de Encano um horrível desastre vitimando um cavaleiro e o seu cavalo. O fabricante de foguetes e bombas, Giuseppe Chiarelli, de Rodeio, vindo a cavalo, trazendo no lombo deste uma sacola com um carregamento de bombas (traques), ao passar nas imediações da casa comercial do sr. Hermann Wagner, deu uma chicotada no cavalo e deve ter atingido a sacola com as bombas, pois ouviu-se um forte estrondo e logo após o cavalo e cavaleiro foram arremessados aos ares e caíram completamente esvaçados no chão, já sem vida. Uma testemunha ocular relatou ter visto o cavaleiro passar e logo depois ouviu a explosão. O cavalo foi atirado ao lado da estrada, enquanto que o cavaleiro voou pelos ares, nu-

ma altura de uns dez metros. Ficou atirado a uns 30 metros distantes do cadaver do cavallo, a parte trazeira do animal pendia apenas umas tiras de couro da parte dianteira, sendo que sobre uns montões de dormentes da estrada de ferro, ao lado do caminho, se encontravam algumas costelas e partes das vísceras do animal. O cavaleiro havia perdido uma mão, seu ventre mostrava profundos buracos e as botas haviam sido arrancadas dos pés; seu chapéu pendurava-se no topo de uma árvore e o revolver foi encontrado em frente à casa do sr. Wagner. As vidraças da casa deste foram quebradas pelo deslocamento do ar. Da sela restavam apenas pedaços espalhados pela redondeza. Os jornais que já haviam ha tempo reclamado contra a fabricação de bombas e seu comércio e venda destes perigosos objetos explosíveis, clamaram ante este acidente pelo fechamento de todas as fábricas destas bombas e completa proibição de sua fabricação.

— O —

ESTRADA DE FERRO — As três pontes maiores no trecho entre Itoupava Seca e Indaial, isto é, as sobre o ribeirão Stutzer em Salto Weissbach, a de Passo Manso e ribeirão Encano, acham-se concluídas. A mais importante é a do Encano, em cujas cabeceiras foram aplicados blocos de granito do tamanho de até um metro cúbico para o fundamento. Os trilhos da Estrada de Ferro já foram colocados até à estação de Salto Weissbach. A estrada de rodagem, porém, nos trechos desviados pela empreza construtora ou paralelas aos trilhos, encontra-se em estado lastimável e em épocas de chuva intransitáveis, mormente nas imediações do Salto. Os colonos que precisam ir até à cidade de carroça e não querem ver suas carroças quebradas no atoleiro e os correames arreventados, preferem dar a volta pela Velha.

— O —

TELEFONE — Entre o centro da cidade e Itoupava Seca foi instalada a terceira linha telefônica. Trata-se da linha particular entre a Casa Husadel e a casa do sr. Clasen, em Itoupava Seca. Segundo consta, esta linha será estendida até a firma Hermann Weege, em Pomerode.

HISTÓRIA ROMANCEADA DE BLUMENAU E DO SEU FUNDADOR

Nemésio Heusi

(Continuação do nº anterior)

A UM PASSO DO FRACASSO

I

Os quatro meses que se seguiram ao da chegada dos primeiros colonos, foram os piores que o Dr. Blumenau enfrentou desde que se propôs colonizar o alto Itajaí-grande.

Foram tão marcantes as dificuldades enfrentadas nesse árduo e difícil período, que ele registrou e sublinhou, para destacar a gravidade da situação enfrentada, escrevendo em seu diário: "Desmoronaram todas as minhas esperanças. Ruiu por terra o que construí, sacrifiquei e padei, meus planos de colonização encontram-se a uma distância quase inatingível. Foi um período lastimável. Disso poupe a providência qualquer outra pessoa honesta".

Depois de escrever, ele chamou o seu sobrinho Reinhold Gaertner, mostrou seu diário e leu para ele o que havia escrito, com lágrimas nos olhos, nervoso e emocionado:

— Reinhold! Vou ler para você o que escrevi em desespero de causa e abalado pelos últimos acontecimentos. Ele leu apenas o começo e, chorando, pediu para que seu sobrinho acabasse de ler. — Toma, Reinhold! Minha emoção me impede de continuar! Leia Leia, e jamais esqueças o que vais ler!

Reinhold, cabeça baixa, sem saber se lia ou chorava, também fez um esforço quase sobre-humano, mas leu com voz pausada e baixa para que seu tio visse que ele lia!

Quando terminou, abraçou-se ao tio e ambos choraram, desabafaram seus sofrimentos, mas Reinhold se refez e resolveu quebrar o silêncio e reanimar o ambiente de tristeza.

— Tio! O senhor tem passado pelos piores momentos, segundo me contou! Eu estou aqui disposto a ajudá-lo, até exaurirem-se minhas forças físicas e morais. Não se esqueça que o sr. há bem pouco me disse que um verbo que nunca me ensinaria, em português, era: "Desistir". E eu assumi um compromisso de honra de não aprendê-lo. Portanto, ânimo e coragem, que nunca lhe faltaram, meu bom e querido tio!

— Não! Não desistirei nunca, meu caro sobrinho! Nunca! Confesso que apesar de ter apenas trinta anos, sinto-me mais velho com o enorme peso de minha responsabilidade. Confio, porém, na Providência Divina, que este momento como outros por que já passei, são provas, tempestades, que passarão, e eu confiante, esperarei pela bonança, que de novo me fará sorrir e remogar, Reinhold!

Pensei que com a chegada dos meus primeiros colonos, tudo aqui tomaria seu rumo certo e que aos poucos, conseguiríamos iniciar, realmente, a nossa colonização. No entanto, a chuva impertinente, frio úmido durante quase um mês, prenderam os meus homens dentro do barracão, desanimados e deprimidos, sem nada poderem fazer, nem mesmo plantar; cinco foram embora e eu me considerei impotente para poder detê-los, porque, confesso, eu sentia o temor do meu próprio desânimo e, sinceramente, achava que eles tinham suas razões em nos abandonar, por isso que triste era o meu abatimento moral, face à nossa imobilidade, parecendo prisioneiros dentro da colônia, sem vermos o sol durante tanto tempo!

Reinhold, o meu desespero se refletia no meu aspecto desolador, e as minhas palavras que sempre foram de encorajamento otimismo, não mais tive, para convencer os colonos que se foram,

diante do meu silêncio, já que não consegui dizer sequer uma palavra, pra que ficassem, desistissem! Meu estúpido silêncio era como que um convite à fuga. E, acovardado e apavorado, pensei que atras dos cinco, iriam todos os outros e que só nós dois ficaríamos.

Senti, Reinhold, que ao se despedirem de mim, eles tinham pena da minha imagem de homem falido e, eu, covardemente, silencieiei como se aprovasse os seus pensamentos!

A minha obrigação era dar-lhes toda a minha assistência, levantar o seu moral, dar-lhes confiança e esperança de dias melhores. Mas não o fiz. Calei, permiti que deles se apoderasse a descrença e sentissem o meu próprio fracasso. Nunca senti tanta vergonha de mim mesmo, da minha falta de coragem do verdadeiro colonizador. E impotente e deprimido, parecia um segundo Hackradt, que tanto reprovei, quando mergulhou de todo no pessimismo e no desânimo. Pois eu o imitava, vergonhosamente, meu Deus! Olhei para o céu e pedi a Providência que não me abandonasse. De vez que estava parecendo um cego apalpando os contornos de um malogro, que eu próprio criara, alimentando-o como um covarde, medroso e mesquinho. Que se entrega ao desespero como os fracos e vencidos, sentimentos estes que jamais um colonizador deveria sentir, nem mesmo em pensamento. Felizmente, porém, Deus me ouviu e eu comecei a ver, sentir e reagir, no afã de que tal situação jamais se repetisse em minha vida de homem e de colonizador. E juro, meu sobrinho, de que nunca se repetirá o que aconteceu nesses quatro meses tão desoladores.

— Tio! O sr. tudo poderá fazer dentro do possível e do seu próprio alcance. Era fora das suas limitações humanas fazer cessar a chuva e o tempo úmido e frio, que nos martirizou durante quase um mês ou mesmo mais de um mês, parecendo até que sobreviria essa enchente de que tanto Hackradt falara.

— Foi uma chuva local, como dizia Angelo: "É uma lestada que vem do mar! Se durar três dias, vai até uma semana! Se varar dela, passa dum mês, dois e até mais"! O perigo de enchentes, Reinhold, é quando chove torrencialmente nas cabeceiras do rio. Aí as águas dessem e nundam as áreas ribeirinhas e, aos borbotões, levam tudo, até mesmo casas. Eu nunca vi este rio encher e espero nunca vê-lo. Mas, já li muito sobre as enchentes do Nilo, um dos maiores do mundo, depois do Amazonas, no norte do Brasil — disse o Dr. Blumenau.

— Tudo passou tio! Novos dias virão e serão bem melhores, se Deus quiser e nos ajudar!

— Reinhold, preciso de homens de coragem e fé. Você vai assumir a direção da Colônia, porque eu vou à Corte tentar resolver de vez o meu demorado empréstimo, sempre protelado. É de lá que deverá vir a nossa salvação definitiva, meu sobrinho!

Estivemos, Reinhold, a um passo do fracasso! É muito diferente do que fracassar! E a lição que nos deu esse verbo, nunca mais pensaremos em conjugá-lo, como fizemos com o "desistir"!

— Aprovo, plenamente, Tio! Pode viajar tranqüilo!

II

O Dr. Blumenau encontrou o Rio de Janeiro transformado num campo de ação preferido dos aventureiros, entre os quais não eram poucos indivíduos que "colonizavam" ou pretendiam "colonizar", e molestavam as autoridades com as suas propostas e pedidos os mais absurdos.

Combatiam-se mutuamente com todos os recursos ao seu alcance, de ordem material, que se opunham ao Dr. Blumenau, como particular e estrangeiro ainda pouco conhecido.

Parecia-lhe que, em cada esquina e porta de ministério, encontrava-se, sorrindo, debochadamente, um "Capitão Guedes", postado e pronto para segurá-lo e forçá-lo a "negociar"!

Achava que o Rio de Janeiro atual muito se assemelhava à Alemanha de sua última viagem, quando encontrou a sua pátria transformada num vasto "mercado de escravos brancos". E ali se encontrava, agora, para enfrentar os "aventureiros" e pseudo-colonizadores, que sempre o atrapalharam e muito prejudicaram o melhor andamento de suas pretensões na Corte, como tantas vezes lhe chamara a atenção o seu ilustre amigo Marquês de Arantes.

Parecia-lhe que as palavras do Capitão Guedes, mais do que nunca, voltavam reais e verdadeiras: "O sr. Dr. Blumenau, não conhece a politicagem que se pratica na Corte e como é difícil vencê-la"!

O Dr. Blumenau se julgava incapaz de lutar e vencer esta solerte politicagem tão conhecida do Capitão Guedes, que ele sempre usava qual uma espada para ameaçar e ferir os seus "concorrentes comerciais".

Antes que o pessimismo voltasse a lhe rondar os pensamentos, resolveu procurar o seu velho amigo, Marquês de Arantes, para, mais uma vez, testar o seu prestígio junto ao Imperador.

Parecia que ele estava sendo empurrado pela mão da Providência, que o afastava dos maus presságios e o conduzia para o caminho da bem-aventurança.

O Dr. Blumenau não podia, de forma alguma, voltar para a Colônia de mãos vazias. Assim, por medida de segurança, antes de procurar o Marquês de Abrantes, esteve com Paul Schroeder e deste obteve a garantia de um novo empréstimo.

— Paul, os meus negócios estiveram a um passo do fracasso, nestes últimos meses. Tudo conspirou contra mim, até, por incrível que pareça, a própria natureza! Ainda não te paguei o meu último empréstimo e talvez precise de outro.

— Blumenau, não te preocupes com o pagamento daquele empréstimo e nem de outro se precisares! Sou teu amigo de infância, conheço a tua capacidade e as nobres intenções de colonizador, e sei que um dia, talvez não muito longe, começarás a colher os frutos da tua gigantesca e grande luta. Portanto, o que tu precisares estarei pronto a te ajudar, meu amigo!

— Paul, você me tirou um peso dos ombros. Espero que Dom

Pedro me atenda. E agora que estou mais animado, vou procurar meu amigo Marquês de Abrantes.

— Como é, jantaremos juntos hoje à noite? E depois, vamos conhecer a vida noturna do Rio? Podemos ir conhecer até a Lapa!

— Paul, à Lapa não! Mas, vamos a um bom teatro. Não tem nenhuma companhia portuguesa boa, na Corte? À noite estarei em tua casa e resolveremos.

— E os teus 17 colonos chegaram bem?

— Todo em perfeita forma e saúde!

— Você sabe que eles vieram de Hamburgo em nosso melhor veleiro, o "Cristian Mathias Schroeder"?

— O veleiro que tem o nome de teu pai?

— Exatamente! Você me pediu para embarcá-los no nosso melhor veleiro. Eu escrevi para o nosso agente em Hamburgo e recomendei que viessem no "Cristian", que os deixou no Desterro. Aliás, o Desterro de teus desencantos, não é, Blumenau!

— Realmente, Paul. Muita coisa desagradável tem me acontecido naquela ilha de Santa Catarina, mas, são meras coincidências aborrecidas. Mais uma vez muito obrigado, Paul! Depois vamos acertar as passagens e demais despesas.

— A tua conta está crescendo, Blumenau!

— É! Isso tudo muito me preocupa. Mas o pedido do meu empréstimo ao Imperador é de dez contos de réis. Se atendido, você receberá, imediatamente, não só o primeiro empréstimo, como as despesas feitas com os seus primeiros colonos.

— Acho melhor deixar as minhas contas para outros empréstimos que obterás com o teu amigo Imperador, no futuro, depois deste, que vais receber agora.

— Paul, você acredita que o Imperador vai me emprestar os dez contos?

— Você sabe, Blumenau, que em função dos meus negócios, tenho boas relações na Corte e seis por informações seguras que Sua Alteza tem você na mais alta conta e tudo fará por você.

— Mas, não tem, Paul, a célebre politicagem, os falsos "colonizadores", que enchem os corredores da Corte com os seus planos mirabolantes?

— Sua Alteza sabe muito bem, Blumenau, separar o joio do trigo, e você não pode ser confundido, comparado, com tais "colonizadores" que tanto amolam o governo!

— Vou procurar o meu amigo, Marquês de Abrantes!

— Ainda o mês passado estive com ele, fui procurá-lo para resolver um assunto pendente em Hamburgo, e em vinte dias, tudo estava resolvido e ele me perguntou por você. Tens nele, Blumenau, um dos teus melhores amigos na Corte.

— Sem dúvida, Paul. A nossa amizade é velha, desde quando ele foi embaixador brasileiro em Berlim. Bem, meu bom amigo, alguma coisa me diz que bons ventos começaram a soprar para o meu lado e é oportuno procurar o meu velho amigo, Marquês de Abrantes, porque

tudo indica que boas notícias me aguardam. Até à noite, Paul.

— Até à noite, Blumenau.

III

Era o começo de março de 1851. O calor na Corte era insuportável, o termômetro quase atingia os 40 graus. O Dr. Blumenau, em seu quarto do hotel, não conseguia dormir. Abriu as janelas, mas nem uma brisa soprava, por mais fraca que fosse. À vontade, estirado em sua cama, mãos cruzadas por trás da cabeça, sobre o travesseiro. De repente, vieram-lhe à lembrança as palavras de Hackradt, quando, em outubro passado, assinara o distrato da firma "Blumenau & Hackradt": Dr. Blumenau, não se esqueça que o seu empréstimo na Corte, foi pedido em nome da nossa firma. O sr. terá de levar este distrato para provar que a firma não mais existe, e que o sr. é o único proprietário de terras de sua Colônia!"

De fato, quando em dezembro daquele ano, pagou a Hackradt a importância de dois contos e oitocentos mil réis, a título de compensação pelos trabalhos preliminares, tornou-se o único proprietário das terras e das instalações, assumindo o ativo e passivo da firma extinta.

Sorriu porque em seus pensamentos, veio a imagem de Hackradt, avisando, cuidadosamente, do distrato, pois, sem ele, não receberia o dinheiro do empréstimo. Era o cuidado do comerciante precavido e astuto.

Levantou-se de um salto da cama e, rápido, revolveu toda a sua bagagem á procura do distrato, já que não se lembrava se o tinha ou não trazido.

Depois de uma busca nervosa e inquietante, que tudo via, menos o que procurava, resolveu, para não perder a calma, começar a tirar peça por peça, até que em um de seus paletós, encontrou o famigerado distrato. Leu-o e releu-o várias vezes, até que o achou em perfeita "ordem jurídica", como lhe dissera o escrivão, ao entregá-lo no Desterro.

Quando o dia amanheceu, ele, depois do café e algumas providências, foi ter com o seu amigo Marquês de Abrantes, distrato no bolso, chegou à casa do Marquês, visto que, como bem o sabia, na Corte só o encontraria à tarde.

Depois de uma recepção, como sempre cordial e amistosa, sentaram-se na grande sala, estilo Luis XV, de sua mansão sita no Campo de São Cristovão. Enquanto esperava, o Dr. Blumenau viu, numa das paredes da sala, dois bonitos quadros de veludo verde e ao centro, entre molduras trabalhadas de ouro e colados, Paulo e Virginia.

— Então está gostando, Dr. Blumenau?

— Maravilhoso! Estupendo, senhor Marquês!

— Foi comprado por minha senhora, quando estivemos em Paris. Ao deixar Berlim, quando deixei a embaixada brasileira, de volta ao Brasil, ela foi ao parque Saint-Cloud e comprou, diretamente na fábrica, em sua exposição.

— Muito bom gosto o da sua senhora, senhor Marquês. E como ela vai passando?

— Muito bem. Foi à casa de sua mãe, cedo, que não está passando bem. Mas Dr. Blumenau, as coisas por aqui andam tensas e não vão bem!

— Mas qual o problema que tanto o preocupa, sr. Marquês?

— A nossa "Tríplice Aliança" entre o Brasil, Uruguai e Entre Rios, poderá resultar numa séria contenda contra a Argentina, nos próximos meses!

— É tão séria assim a situação?

— Seríssima, Dr. Blumenau; seríssima!

O Dr. Blumenau, que já vinha sentindo um calor insuportável, começou a sentir arrepios, esperando que o adiamento do seu empréstimo, às vésperas de uma guerra, era um motivo admissível. Aguardou o pior, lamentando a sua eterna falta de sorte.

Teve, porém, uma surpresa agradável. Inesperada, surpreendente, quando assim falou o seu velho amigo.

— Bem, Dr. Blumenau — disse-lhe o Marquês, pausadamente — deixemos de lado as mazelas e os problemas da Corte, e vamos direto ao que nos interessa, principalmente ao amigo.

O Dr. Blumenau esboçou um sorriso meio forçado, esperando más notícias.

— Dr. Blumenau, o seu sócio veio com o sr.?

Os olhos do Dr. Blumenau se arregalaram e a sua resposta foi rapidíssima:

— Não! veio não! Mas, por que?

— Para assinarem o recebimento do seu empréstimo!

O Dr. Blumenau, podia esperar tudo, menos a pergunta e a afirmação do Marquês. Não sabia o que dizer, se rir ou chorar de alegria. E a seguir, disse:

— Senhor Marquês, estou tão satisfeito com a boa nova que por alguns instantes fiquei confuso, queira me desculpar!

— Ora, Dr. Blumenau, não há nada a desculpar! A notícia foi deveras surpreendente, quando tudo estava a indicar que o seu empréstimo seria mais uma vez protelado.

— Já estava preparado e conformado para receber a má notícia. Os azares da vida, a constante falta de sorte, bastante me tem molestado. Todavia, os recebo resignado. Não os encaro como um castigo mas sim, como uma prova a que me submete a Providência, para valorizar o meu trabalho que, sendo de longo alcance, suporta perfeitamente todos esses reveses, comuns na vida daqueles que lutam com persistência e perseverança, em busca não de um negócio, porém de um ideal.

— Dr. Blumenau, o ideal fortalece o espírito e gera os grandes homens. O seu sócio, veio ou não veio?

— Não tenho mais sócio, senhor Marquês. Sou, hoje, o único proprietário das terras e de todas as benfeitorias da minha Colônia.

— Então, desfez a sociedade. Deve ter em mão o distrato?

— Tenho, sim. E rápido, retirou do bolso o documento, entregando-o ao Marquês. Aqui o tem, senhor Marquês.

— Bem, teremos de alterar o contrato. Mas, acredito que em poucos dias tudo estará resolvido.

— Para quem esperou tanto tempo, senhor Marquês, mais alguns dias não fará importância. Será que esta modificação não terá que voltar à Corte, para nova autorização de Sua Alteza?

— Já foi autorizado por Sua Alteza. Portanto, Dr. Blumenau, o senhor é favorecido através da sua firma. Como ela, porém, foi dissolvida, ao senhor cabe receber o empréstimo. A intenção de Dom Pedro, seu amigo e profundo admirador da sua obra colonizadora, é ajudá-lo. E, estou certo, nenhuma objeção aporá ao seu nobre e justo desiderato.

— Peço ao senhor Marquês, quando estiver com Sua Alteza, agradecer, sinceramente, em meu nome, por este inestimável serviço em prol da colonização alemã no Brasil, que tão bem consulta os nobres e altos interesses do Império Brasileiro, conforme a mim externou Sua Alteza, em nossa última audiência.

Uma semana depois o Dr. Blumenau recebia o seu primeiro empréstimo do Governo Imperial.

C SEQUESTRO

I

Depois de receber o dinheiro do seu empréstimo, o Dr. Blumenau tomou a sua primeira providência: foi pagar ao seu velho amigo Paul Schroeder.

— Blumenau, minhas contas podem esperar. Afinal, recebendo teu primeiro empréstimo oficial, aumentaste consideravelmente o fardo de tuas dívidas, portanto, deixa as minhas contas para depois. Eu posso esperar, meu amigo.

— Obrigado, Paul. Mas, vamos acertar as nossas contas. Se mais tarde precisar, sei que me socorrerás, como sempre o fizeste.

Depois de liquidar sua dívida para com o amigo, comprou colmeias, mudas de árvores frutíferas, vindas do sul da França e aparelhos e utensílios para um engenho de produção de açúcar de cana, aguardente, álcool e alguns outros produtos. Tudo no valor de três contos de réis.

Queria, com isso, dar nova base econômica à sua empresa e movimentar a sua Colônia.

Paul providenciou o carregamento num veleiro e como o Dr. Blumenau estava adoentado, preferiu viajar num vapor, que, além de mais conforto, chegaria mais rápido ao Desterro.

Pouco antes de entrar a barra do Desterro, o veleiro que levava, não só a sua mercadoria, como também a de um comerciante alemão estabelecido na ilha, de valor superior a 15 contos de réis, foi apresado por um cruzador inglês, que julgou tratar-se de uma embarcação que conduzia escravos para a ilha.

Estribados na Lei de 1845, conhecida como "Bill Aberdeen",

os ingleses tinham o direito de sequestrar qualquer navio suspeito de servir ao tráfico de escravos, não só em alto mar, como também em águas territoriais, portos e rios brasileiros, prendendo os traficantes, bem como os escravos e levando-os perante um tribunal britânico.

O tráfico de escravos era considerado pirataria.

Ao apreender o veleiro, o comandante do cruzador inglês achou que os papéis não estavam em ordem e por isso considerou o navio "pirata". E como tal, devia seguir para a base naval inglesa, de Santa Helena, para ser julgado.

Nunca se soube do real paradeiro do veleiro apreendido. O Dr. Blumenau perdeu, pois, tudo o que havia nele embarcado.

II

O Dr. Blumenau, no Desterro, aguarda em vão a chegada do veleiro apreendido, que jamais voltou.

Governava então a Província de Santa Catarina o Dr. João José Coutinho, que não via com bons olhos a colonização do Dr. Blumenau. Prevenido, foi à procura do seu amigo Cel. Neves, que ainda permanencia em palácio, para saber algo sobre a demora do famigerado veleiro.

— Bom dia, Cel. Neves, como vai o meu bom amigo?

— Oh! Dr. Blumenau, o sr. por aqui! Como vai o amigo?

— Ainda um pouco adoentado, mas... vamos indo. Como vai o nosso novo presidente?

— Preocupado e muito aborrecido com o estúpido sequestro de um veleiro dentro da nossa baía.

— Não me diga, Cel. Neves, que foi o Macaé!

— Não sei, Dr. Blumenau, vamos entrar e falar com o Presidente.

Ao entrarem no gabinete, o Dr. Coutinho despachava e estranhou a presença do Dr. Blumenau em palácio, sem audiência marcada.

— O Sr. Dr. Blumenau, por aqui, sem audiência marcada?

O Cel. Neves, rápido: — Desculpe, Excelência, trata-se de um assunto urgente. É sobre o sequestro do veleiro e parece que o Dr. Blumenau é uma das vítimas. Vossa Excelência sabe o nome do veleiro?

— Não, Cel.; e o sr. bem sabe o quanto esse abominável sequestro me tem aborrecido. Mande chamar o Capitão dos Portos, para fornecer as devidas informações ao Dr. Blumenau.

Enquanto aguardavam, o Dr. Blumenau disse o que havia embarcado no veleiro e pedia a Deus que não fosse o Macaé.

— Lamento muito, Dr. Blumenau, se for o Macaé. A propósito, peço-lhe que marque oportunamente uma audiência para podermos conversar sobre a sua Colônia.

— Pois não, Excelência, em breve pedirei uma audiência.

Quando o Capitão dos Portos entrou, o Dr. Coutinho perguntou-lhe imediatamente: "Qual o nome do veleiro apreendido, Sr. Capitão?"

— Sr. Presidente, trata-se do "Macaé", — foi a resposta pronta do Capitão.

O Dr. Blumenau ficou aturdido.

— Dr. Blumenau, sentimos profundamente o que aconteceu. Eu como Presidente da Província, sinto-me até envergonhado!

O Dr. Blumenau, depois de refeito do choque, comentou:

— Mas, para onde levaram o veleiro?

— Não sabemos. Pensamos que o tenham levado para a base naval inglesa de Santa Helena.

O Capitão explicou mais detalhadamente:

— Excelência, assisti à apreensão dentro da nossa barra sem nada poder fazer, nem mesmo deixaram ir a bordo para saber a causa do sequestro.

— Positivamente, não tenho sorte aqui no Desterro, Excelência. Perdi três contos de réis em mercadorias, para mim de inestimável valor.

— Bem o sabemos, Dr. Blumenau e muito lamentamos. Um comerciante, patricio seu, esteve aqui ontem, desesperado. Perdeu mercadorias no valor de quase vinte contos de réis!

— Nada se poderá fazer contra um tal absurdo, Excelência?

— Infelizmente, nada. Os ingleses se estribam numa lei endossada pelo Brasil, visando acabar com o tráfico de escravos.

— Sempre os escravos! O navio, Excelência, é de propriedade de um amigo meu e jamais transportou sequer um escravo. Ele é mesmo anti-escravagista ferrenho. Trata-se de um meu amigo de infância.

— Acreditamos em suas palavras, Dr. Blumenau, mas o que se poderá fazer é na Corte, onde o sr. Blumenau tem amigos influentes. Lá poderá agir e talvez consiga obter alguma indenização!

— Sim, Excelência, para os meus bisnetos receberem. Se receberem! E o meu amigo, foi avisado do ocorrido?

O Capitão deu maiores detalhes:

— Avisamos ao Ministério da Marinha, que tomará todas as providências, comunicando ao seu amigo. E ele, como armador, agirá junto às autoridades competentes, meios oficiais e jurídicos. E se ficar provado que o navio nunca conduziu escravos, ele, por certo, voltará ao seu dono.

— Pobre Paul, — lamentou o Dr. Blumenau— Desculpem, este o nome do meu amigo armador.

— O sr. sabe, Capitão, que, por pouco eu não vim no veleiro?

— Se tivesse vindo, seria desembarcado, já que os passageiros e tripulantes foram desembarcados. E da carga, só uma caixa com mudas, que o comandante do veleiro disse ser sua, e os ingleses "delicadamente", atiraram para o nosso navio, mas infelizmente caiu no mar e afundou.

— Eram as minhas mudas de árvores frutíferas — disse o Dr. Blumenau, desolado e triste. — Será possível que de tudo me aconteça aqui no Desterro? E balançando a cabeça, nervoso, indagou: Capitão, diga-me, quantos sequestros já ocorreram?

— Desde que a Lei “Bill Aberdeen” entrou em vigor, em 1845, até hoje, decorridos seis anos, já que estamos em 1851, este foi o primeiro sequestro. Pelo menos, em nossa província.

— E eu, com a “minha sorte”, tinha de estar nele! — Afinal acabou sorrindo. — Se eu fosse um pessimista e acreditasse em bruxarias, só tinha um caminho a seguir: procurar uma “benzedeira”, como me aconselhou o meu guia Ângelo Dias, quando pela vez primeira subimos o Itajaí-grande: “Dr. Blumenau, pra tirar o azar e mau olhado, nada melhor do que uma benzedeira”.

O Cel. Neves, que a tudo assistia calado, penalizado com o prejuízo material sofrido pelo Dr. Blumenau e a sua reação, comparada com a do seu patrício, quando soube do prejuízo com o sequestro, quebrou o silêncio, ponderando:

— Eu estava observando, Dr. Blumenau! O sr. aceitou, é lógico, depois de um choque emocional face a lamentável prepotência inglesa do sequestro, o seu prejuízo com superioridade e até bom humor, diante do infortunio. E sem qualquer superstição. Já o seu patrício ontem, aqui em palácio, parecia que ia enloquecer, tamanho o escândalo e o seu abatimento moral, que precisou ser socorrido pelo médico do nosso Presidente!

— Cel. Neves, sou antes de tudo, um filósofo, e como tal, tenho que suportar, com resignação e sabedoria, as provas que o destino me reserva. Ao me tornar um colonizador, sabia dos duros reveses que me esperavam, principalmente, os de ordem material, em função do meu envolvimento profissional, que não posso separar do econômico. Tentei transferir esses problemas para o meu sócio, que era um hábil comerciante. Ele, porém, desistiu, tão logo os prejuízos começaram a surgir. E isto porque os materialistas não suportam esses inevitáveis prejuízos, já que os levam, como no caso do meu patrício, quase à loucura. Ainda recentemente, estive às portas de um fracasso. Pois acumulando, com a saída do meu sócio, as duas funções de colonizador e comerciante, estive à beira de um colapso nervoso e por pouco não desistia também de tudo. Mas, felizmente, tudo passou e com a chegada de um meu sobrinho, novamente, as responsabilidades se dividiram. E tudo, aos poucos, está voltando ao normal, sem eliminar os problemas, de vez que eles sempre existirão.

(Continua no próximo número)

José Athanázio, meu pai

Enéas Athanázio

Para quem tanto tem escrito sobre estranhos, quero crer que não incidirei em pecado relembando meu próprio pai, essa figura singular, que viveu tão pouco, e, no entanto, ainda permanece na memória de sua gente mais de quarenta anos após a morte.

José Athanázio nasceu na então "Villa de São João Batista dos Campos Novos" a 7 de junho de 1900. Era filho do casal Francisco Athanázio e Bernardina Fontes Athanázio.

"Seu" Chico, árabe de presumível ascendência grega, era o único "turco" da cidade, coisa rara nos Gerais daqueles dias. Mais tarde chegaria Mustafá Assad.

Comerciante, naturalmente, Francisco Athanázio era de poucas letras e engrolava mal o português, mas ninguém o enganava nas contas. Aficionado do bilhar, parece que não se dava bem com tacs e bolas, pois era frequente e jovial perdedor de latas de conserva e garrafas de bebida.

Sua loja ficava defronte à atual igreja matriz, do outro lado do pasto frequentado por vacas de leite e velhos matungos de carroça, hoje a Praça Lauro Muller. O casarão de madeira abria as portas e janelas para a rua larga e ali "seu" Chico vivia, alegre e conversador. José era o filho mais velho, seguindo-se as irmãs Maria ("Marica"), atualmente viúva de João Rupp, e Anita, esposa do Prof. Sálvio Guilhon Gonzaga. Era claro, tinha cabelos louros e olhos azuis. O casal Athanázio perdeu um filho, ainda menino, em horrível acidente.

Alfabetizado em casa, como em geral as crianças do seu tempo aos oito anos foi levado para o internato, na cidade de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. A viagem era longa e penosa, feita em lombo de burro, com o enxoval em cargueiros, "sesteando" e dormindo no caminho. Durava vários dias e, para maior segurança, formavam-se autênticas caravanas de estudantes, pais e seus peões, armando barracas para os pernoites e pleno campo. Só retornava para casa nas férias "grandes" e assim permaneceu por longos oito anos.

Estudou mais tarde, por algum tempo, no Colégio Catarinense, em Florianópolis.

Vai bem nos estudos e isso enche o coração de "Seu" Chico; o imigrante antevê no filho o futuro doutor.

Em 1916, cheio de planos e sonhos, o jovem camponovense está em Porto Alegre para os "preparatórios". Os livros de sua biblioteca parte da qual carrego comigo até hoje, adquiridos nessa época, revelam que muito lia e lia bem. Num deles, em letra juvenil, está o lema de Cervantes: "Quem lê muito e anda muito, sabe muito e conhece muito".

No ano de 1917, com dezessete anos, está matriculado na Faculdade de Medicina do Rio Grande do Sul. Nela faz os três primeiros anos do Curso Médico, para transferir-se então para a Faculdade de

Medicina do Rio de Janeiro. Faz um curso caprichado, com notas excelentes, convivendo com médicos e professores. Forma-se em 1922. A imprensa noticiou a formatura com grande destaque, registrando inclusive a presença do próprio Presidente da República.

Mas o camponovense é arrojado, sonha alto. Decide doutorar-se e defender tese. Permanecendo na "terrinha" durante um ano, "não levanta os olhos dos livros".

Em 12 de novembro de 1923, depois de muito estudo e pesquisa, apresenta à consideração da Faculdade a tese "O cloreto de cálcio em terapêutica". Submetido ao visto do secretário, Dr. Brito Silva, o moço de Campos Novos, no verdor dos seus vinte e três anos, vai defendê-la a 6 de dezembro do mesmo ano.

A Banca Examinadora é das mais exigentes e rigorosas, nela formando algumas figuras de projeção nacional. É composta pelos Professores Ozório de Almeida, Pedro Pinto, Agenor Porto, Miguel Couto e Aloysio de Castro, Diretor da Faculdade, estes dois últimos até hoje lembrados como autênticos cientistas (1). Mas José Athanázio vê o seu trabalho aprovado com distinção e louvor. Submeti essa tese a diversos médicos amigos, entre eles o saudoso Prof. Alvir Riesenbergl, tendo eles afirmado a indiscutível originalidade do tema escolhido e das suas conclusões para a época em que foi elaborada (2).

1924 marca o início de suas atividades profissionais na terra natal. O chamado do seu chão faz com que volte à "Villa", para a convivência com os pais, as irmãs e os amigos. A antiga Capital da República, no entanto, ficou gravada na sua lembrança, amando-a tanto que, pouco antes de falecer, apresentava-se para o retorno definitivo. Residiu na Gávea e isso o levaria a reproduzir em Campos Novos, no alto de uma colina, uma das "casas de pedra" existentes naquele bairro carioca. As paredes, constituídas de blocos retangulares de "pedra ferro", tinham cerca de oitenta centímetros de espessura. Deironte fazendo vista para a cidade, o varandão corria toda sua extensão.

Nessa casa, ainda hoje existente, ele clinicou até o fim de seus dias e nela nasceu a "Fundação Hospitalar Dr. José Athanázio" dos dias atuais.

Desde logo se revelou um profissional competente e dedicado. Era daqueles que passavam a noite "à cabeceira do doente", só arre dando pé após o seu restabelecimento. Não só são poucas as pessoas, ainda hoje vivas, que lhe devem a cura. Viajando a cavalo, e mais tarde num "Ford", percorreu os caminhos dos campos para atender a chamados distantes. Sua fama, em pouco, se firmou na região, tanto que mesmo após quatro décadas, sua memória é venerada. Diziam mesmo os mais antigos que sua alma prosseguia fazendo curas, tantas as promessas atendidas.

De pouco falar, era, no entanto, espirituoso, desses que em duas palavras definem a situação. Conta-se que foi visitado por um cliente caboclo de enormes cabelos, bigodes e barbas.

— Para que tanto pelo, "seu" João? — inquiriu.

— É luto, sentimento pela morte da mulher — explicou o homem.

— É, — concluiu o médico, — esse é um verdadeiro sentimento cabeludo!

Uma noite, — relata o Dr. João Rupp Sobrinho, — foi chamado a atender o ferido de tiroteio num baile. Para lá se dirigiu, guiando o "Fordeco", levando em sua companhia o referido advogado, então acadêmico.

A vítima gemia numa "tarimba", um projétil encravado nas costas. Verificou logo que se tratava de um ferimento superficial: a bala transfixara outra pessoa, chegando sem força, ficou presa apenas na pele. Numa só manobra o médico a retirou e o ferido, feliz da vida, parou os gemidos e se pôs a agradecer.

— Não agradeça — resolveu o médico brincar. — A bala passou pelo corpo do H. P. antes de atingir você...

O homem, no começo, não entendeu; depois, aos poucos, esbugalhou os olhos e caiu no desespero. É que o H. P. tinha fama de ser morfético...

Desprendido dos bens materiais, José Athanázio não se preocupava com dinheiro, roupas, vida social. Vestia-se com displicência, os sapatos sempre sem cordões. Fumava "Jockey Club", cigarro da época, mas jogava-o antes de consumida a metade, para acender outro em seguida.

Irritava-se com os colegas mais novos, que viviam à caça do dinheiro, e por muitas vezes manifestou sua preocupação com a incipiente comercialização da medicina de seus dias. Não desejava que seu filho fosse médico.

Herdou algumas terras, hoje situadas no município de Erval Velho. Relatam os seus amigos que ele gostava de subir ao alto de uma elevação e de lá apreciar a massa dos pinheiros verdes, de copadas farfalhantes. Pinheiro, naqueles tempos, nada valia. Havia até fazendeiros que os derrubavam para que suas grimpas espinhentas não "sujassem" os campos.

— Essa árvore — previa ele — valerá fortunas. Em vinte anos, quem tiver pinheiros estará muito rico.

Os caboclos, ao seu redor, sorriam por dentro e "maginavam" que aquilo era mesmo coisa de doutor da cidade grande.

José Athanázio já era um solteirão. Estava com trinta e dois anos quando resolveu casar. A sua decisão causou espanto entre os amigos, mas a escolhida era Irma Vieira, filha dos fazendeiros Policarpo e Olivia Vieira, ele nascido em Curitiba, ela nos campos de Vaccaria. "Seu" Lica era o proprietário da Fazenda do Fundo Grande, onde residia. Numa antiga caderneta de capa preta, minha mãe escreveu em letras caprichadas: "Dia 8 de março de 1932. Fiquei noiva, sendo pedida na Fazenda." Imagino o velho "Fordeco", roncando e pulando pelos trilhos campeiros, conduzindo o Dr. Athanázio para o pedido de casamento.

Este, porém, só se realizaria mais de dois anos depois, em 26 de

maio de 1934, um sábado, às 21 horas, como era de praxe e como a noiva registrou no caderninho preto. Eles se conheceram nos bailes festas do "Clube Repentino" (que disputava com o "Democrata") e de cujo carnaval minha mãe chegou a ser rainha. Informa ela que papai era inteiramente desajustado para danças.

As irmãs Irma e Iracy (esta depois se casaria com o ex-deputado Waldemar Rupp) eram moças bonitas e disputadas, a tal ponto que se tornaram meio de comparação. Conta-se que Nho Justo, morador daquelas bandas, quando queria realçar a beleza de alguma coisa, exclamava:

— Linda que nem as filhas do Lica Vieira!

O casamento, no entanto, só duraria por menos de três anos. O casal teve um único filho.

Cercado pelos amigos e sempre às voltas com os livros, José Athanázio, além de leituras de assuntos profissionais, era um apreciador da História e acompanhava com atenção a política nacional e estrangeira. Das frequentes viagens ao Rio, voltava carregado de livros. Ele e os amigos, nas tardes de calor, rumavam para o Poço da Bica, nas cercanias da cidade. Deitados à sombra das árvores, liam e discutiam. Depois se banhavam na água cristalina e gelada que escorria da pequena bica de madeira.

Nas noites silenciosas se reuniam na imensa sala do casarão de pedras. Ouviam rádio, quando não havia muita "estática", num dos primeiros (provavelmente o primeiro) aparelhos por lá aparecidos. A voz de locutores distantes estabelecia a ligação daquela vila perdida nos campos com o resto do mundo.

A qualquer pretexto José Athanázio se punha a declamar Camões. O célebre "Soneto 29" era o preferido:

"Sete anos de pastor Jocê servia
"Labão, pai de Raquel, serrana bela;
"Mas não servia ao pai, servia a ela,
"Que a ela só por prêmio pretendia.

"Os dias na esperança de um só dia
"Passava, contentando-se com vê-la;
"Porém o pai, usando de cautela
"Em lugar de Raquel lhe deu a Lia.

"Vendo o triste pastor que com enganos
"Assi lhe era negada a sua pastora,
"Como se a não tivera merecida;

"Começou a servir outros sete anos,
"Dizendo: Mais serviria, se não fora,
"Para tão longo amor tão curta a vida." (3)

Grande era o seu círculo de amizade. Othon D'Eça (de quem eu viria a ser aluno), Edmundo Acácio Moreira, o Desembargador Sál-

vio Gonzaga, A. Selistre de Campos (figurosa ardorosa e controvertida de magistrado, defensor corajoso dos índios de Xanxerê), eram seus amigos. Mas Antônio Bottini, também médico e mais tarde professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Darcy Pedroso (pai do Deputado Cid Pedroso), Paulo Blasi (pai do Prof. Paulo Henrique Blasi e do Desembargador Aluizio Blasi), Ozório Farias e Juventino Lemos eram os mais chegados. Este último era o seu companheiro no fabrico de móveis e nos trabalhos de horta e pomar a que gostava de se entregar nas raras horas de folga. "Tio Tino", homem simples, tinha-lhe adoração, embora fosse vítima constante de suas troças, das quais até gostava. De uma fidelidade inconcebível nos dias de hoje, contou-me o próprio "Tio Tino" que, quando se excedia no linguajar papai se irritava:

— Cala a boca, Juventino! Deixa de burrices!

Mas ele se deleitava com a estória de fantasmas e assombrações em que Juventino era pródigo e tinha nele um animado companheiro para os bailes, pois "Tio Tino" era um grande carnavalesco. Dos seus amigos mais íntimos, foi o único com que convivi e conheci bem de perto. Algumas passagens de sua vida dariam excelentes crônicas. Juventino guardou até o fim da vida uma dolorosa e sincera saudade do amigo que se foi tão jovem. Já bem velhinho, trôpego e cansado, muitas vezes vi seus olhos marejados quando recordávamos coisas vividas por ele e meu pai.

A biblioteca que pertenceu a José Athanázio, na parte que me chegou intacta e que guardo até hoje, era toda em francês, na literatura médica, e, na literatura geral, boa parte em latim.

Charles H. May, Gaston Lyon, E. Macé, Fernand Berlioz, J. Castaigne, H. Paillard, Victor Viau, M. Guibé, Alex Renault, M. Nicole et J. Magrou, Ch. Debierre, G. Pouchet, Allyre Chassevant, Hermann Eichorst, Ph. Stoerh, F. Lejars, Rémy Perrier, E. Hédon, L. Testut, G. Dieulafoy, Ganot-Maneuvrier, Fabre, E. Apert, André Broca, A. Richaud, M. Arthus, J. Darier, J. Barozzi, C. Oddo, Simon Duplay, J. Courmont, E. Terrien, Guy Laroche, Georges Laurens, J. Comby, Félix Coste são alguns dos autores de sua biblioteca médica. Cícero ("Orationes") Cesar ("De Bello Gallico"), Jules Verne, Gustave Le Bon, Louis Buchner, excelentes e variadas gramáticas e antologias latinas, francesas e portuguesas, além de inúmeros livros e revistas sobre assuntos da atualidade, compunham a parte geral.

Em política, José Athanázio formou ao lado de Adolfo Konder, Henrique Rupp Jr., Bulcão Vianna e tantos outros.

Desde 1936 ele começou a apresentar problemas de saúde. Não alterou, porém, o modo de vida, trabalhando e atendendo normalmente a clientela. Em novembro desse mesmo ano, apesar de seu empenho e dedicação, falece sua mãe, Bernardina, fato que muito o abala e leva a surdas recriminações dos limitados recursos médicos de então. Salvava tanta gente, jovens e velhos, e no entanto era incapaz de evitar a morte da mãe, cujo desaparecimento veio agravar o seu estado. As fotografias dessa época mostram-no triste e abatido.

No início do ano seguinte a sua saúde inspira cuidados. Colegas e amigos temem pela sua vida e se desvelam em tratamentos e cuidados. A 24 de março não se sente bem, permanece acamado, mas conversa com a esposa e recebe os amigos pela manhã. Seus colegas, inclusive de cidades vizinhas, e até um colega de turma vêm prestar-lhe assistência. Consciente do seu estado, e por certo seguro como sempre no diagnóstico, por volta das nove horas afirma a Paulo Blasi, em francês: "C'est mon dernier jour." Efetivamente, assinalavam os sinos da velha matriz o meio dia, quando ele deixou de existir. Era uma quarta-feira cinzenta e fria.

Sepultado no dia seguinte, no cemitério de sua terra, quase toda a população o acompanhou. Paulo Blasi, o mesmo amigo inseparável, faz um sentido discurso. "Espírito humanitário, — escreveu ele — encontramos sempre em José Athanázio um amigo dedicado, um amigo nas passagens mais alegres, um amigo nos momentos mais melindrosos, como um abnegado nos transe mais amargos e dolorosos. Desempenhando suas funções de médico, não foi só o profissional, foi o abnegado. Muitas vezes não dava ao pobre só a receita, mas também dinheiro para que pudesse mandar aviá-la."

NOTAS

- (1) Sobre Miguel Couto, v. "Enciclopédia Brasileira Globo", P. Alegre, 1971, Vol. IV
- (2) A tese foi publicada pela Tipografia Alba, à Rua Marangua pe, 17, Lapa, RJ, no mesmo ano de 1923. Tem 45 páginas divididas em 9 capítulos e a bibliografia arrolada é toda estrangeira, indicando que o assunto era novo no Brasil. Há exemplares dela nas bibliotecas de Porto Alegre, Florianópolis, Curitiba, São Paulo e Rio.
- (3) "Obras" — Tomo II, da Edição do Visconde de Jurumenha. Indicações anotadas num exemplar do soneto encontrado nos papéis de José Athanázio.

Curiosidades de uma época - II

"O COLONO E O AUTOMÓVEL" (Visão Miópica)

S. C. Wahle

O malfadado colono no vale do Itajaí sempre foi uma vítima dos pseudo-progressistas.

O colono, diga-se de passagem, foi o verdadeiro esteio, o motor propulsor de todo o progresso do vale do Itajaí. Vítima de toda série de contingências, sobreviveu, porque a sua própria resistência ao meio era condição básica para a sobrevivência do vale. Apreciado um certo exagero, achava-se, em outras épocas, que o colono deveria ser li-

mitado a um trabalho exaustivo, andar de pé no chão, não permitir-se que se educassem, a fim de jamais haver o perigo de faltar alimento na cidade.

Com o aparecimento do automóvel, naturais eram as aspirações de todos de poderem possuir um carro. Os negociantes das colônias eram os primeiros a adquirir, ou sob forma de carro ou sob forma de caminhão. Aos poucos, os colonos mais abastados também tentavam entrar de posse do veículo.

Estranha, entretanto, foi a reação de certos cidadãos, principalmente alguns mais ilustrados, e, entre esses, inclui-se um cidadão da época que, devido à relativamente pouca capacidade, era favorecido com um cargo público.

Este senhor declarou, certa vez, na presença do articulista, o seguinte: "É preciso que se crie uma associação de classe que exerça pressão para que os colonos deixem de ter as manias de certos modernismos, como é o caso de possuírem automóvel. Esta mania de modernismo põe em perigo a sobrevivência da cidade de Blumenau". Sem comentários...

Excursão Cultural a Trento - Itália - V

P. Victor Vicenzi

No assunto referente à visita que um grupo de pessoas de Rio dos Cedros e Rodeio, fez à Trento e Itália, tem que concordar com o dito: "Veder Napoli e poi morir". Ver Napoles e depois morrer. Vez a terra dos imigrantes italo-trentinos, que povoaram grande parte o Vale do Itajaí, é realmente uma alegria incalculável.

Ver suas vilas, seus "paeselli", suas velhas casas carcomidas pelo tempo, suas igrejas que frequentavam com fé e respeito. Ver as estradas difíceis e estreitas que eles percorriam, os objetos que usavam seus terrenos minguados e estéreis. Ver Cavedine, Segonzano, Centa, Matarello, Val Sorda, Val di Fiemme, Volano, Civezzano, Pérgine, Samone, Cógnoia, Valda, Val di Non, Villazzano, Roveretto, Vigolo, Vilgalzaro, Fornace, Ospedaletto, Acquaviva, Albiano, Céola e muitas outras localidades, de onde eles vieram, é emocionante.

Todos estes lugares, praticamente, são os mesmos daquela época em número populacional. A emigração despovoou a região em 1875 a 1880, sem poder se refazer demograficamente.

Encontrou amigos, parentes e gente que se interessa pelas coisas daqueles que partiram e não voltaram mais.

Trento e mesmo a Península Itália, é um misto de indústria e de

agricultura, com um nível de vida insuperável, apesar de ainda insuficiente na opinião deles.

Quem visita a montanhosa Província de Trento, mal pode conceber que há um século aquilo fosse miséria e desolação. Atualmente são lavouras de parreirais qualificados, pomares, prados e ambiente tranqüilo, sem o movimento do resto da Itália. Onde há um palmo de terra plana, aí há plantação obrigatória. Não existe um metro de terra baldia.

Nas montanhas onde não se pode cultivar, há florestamento, pinheiros altos e corpulentos. Todos são obrigados a florestar e ninguém pode cortar.

As casas são rústicas por fora, feias até, porque ninguém pode tocar ou reformar. Por dentro são lindas, decoradas, mobiliadas. Não faltam quadros de artistas e livros nas estantes.

Nota-se, porém, que existe a preocupação de um dia terminar este bem estar, devido a inflação, o desemprego, o terrorismo, a saturação dos mercados, como já está acontecendo com os automóveis e o vinho.

As fábricas em geral têm uma capacidade para 40 a 100 operários, com 40 horas semanais. O salário mínimo é de 500.000 liras, ou seja Cr\$ 35.000,00 em moeda brasileira. Mas a vida, por sua vez, é três vezes mais cara do que aqui.

A agricultura é totalmente mecanizada. Difícil sujar ou calejar as mãos. Nos fins de semana as famílias tomam o trem ou o seu Fiat e vão para as montanhas, numa febre igual e dos brasileiros em época de praias. Vão sozinhas, pois não são tão sociais e delicadas como se imagina, fruto do egoísmo, da vida agitada e do cansaço.

Os rios correm límpidos. Há uma veneração especial pelas flores. Percebe-se um grande sentido de poupança, especialmente na comida. Não se joga fora nada e só se condiciona o puro necessário. Tudo é aproveitado. Tudo realizado dentro da lei. Aliás, na Itália como em toda a Europa, a lei é lei. Quem violar, paga.

Não há vilas populares, casebres, gente mal-vestida. Parece não existir pobreza, analfabetismo e fome. Mas há os problemas do terrorismo ideológico, insegurança, falta de promoção e um estado habitual de emigrante.

Visitar Trento, Itália e Europa, é chocar-se com um mundo todo feito, desenvolvido, culto, mecanizado, cheio de respeito para com o pedestre e super-povoado.

Entretanto a despersonalização, o indiferentismo e o absurdo, vivem ao par da vida despreocupada. Aos 14 anos o rapaz experimentou tudo. Quem observa o que lá existe, pode afirmar: Não será preferível ainda hoje "a terra onde canta o sabiá?".

— DIA 2 — No Centro de Convenções do Teatro Carlos Gomes, teve lugar a solenidade de abertura do Torneio Mundial de Skat, com um coquetel, ao qual compareceram numerosas pessoas.

— DIA 3 — Tiveram início, em Blumenau as disputas do Primeiro Torneio Mundial de Skat realizado no Brasil.

— DIA 3 — Na Fundação Educacional da Região de Blumenau — FURB — realizou-se a solenidade de abertura da exposição de DESTAQUES HILTON DE PINTURA. A ocorrência verificou-se às 18,30 horas daquele dia.

— DIA 4 — Na sede do Centro Cultural 25 de Julho, foi realizada uma festa de conagraçamento dos participantes do Primeiro Torneio Mundial de Skat realizado em Blumenau, tendo sido o acontecimento marcado com um jantar típico e aplaudida apresentação de um quinteto musical e dos corais daquela sociedade.

— DIA 5 — Esteve em Blumenau por algumas horas, tendo concedido entrevista à imprensa, o sr. Ulisses Guimarães, presidente do PMDB — Partido de Mobilização Democrática Brasileiro.

— DIA 6 — Na sede do Clube Campestre da TEKA, em Salto do Norte, teve lugar a festa de encerramento do Primeiro Torneio Mundial de Skat, realizado em Blumenau, e que contou com a presença de centenas de participantes.

— DIA 7 — Em reunião ordinária, o Conselho Curador da Fundação "Casa Dr. Blumenau", elegeu o presidente do mesmo, para mais um biênio. A escolha recaiu, mais uma vez, na figura do então presidente João Carlos von Hohendorff, cujo trabalho, no dizer dos srs. conselheiros, em favor da instituição, vinha sendo altamente elogiável. Na vice-presidência também continuou o industrial Rolf Ehlke, tendo, na composição do Conselho, sido substituído apenas o vereador Beno Frederico Weiers pelo vereador Antônio Tillmann.

— DIA 7 — Em seu gabinete de trabalho, o prefeito Renato de Mello Vianna deu posse aos novos membros da Comissão Municipal do Desenvolvimento Econômico, com mandato até 31.1.1982.

— DIA 7 — Por um grupo de praticantes afeccionados, foi fundado em Blumenau o Clube de Aerodelismo, o qual já reuniu quarenta associados. O objetivo do clube é difundir e dinamizar a prática do aerodelismo entre a juventude blumenauense e mesmo da região. Na presidência, ficou o sr. Irineu Schueller, dedicado aerodelista local.

— DIA 10 — Com um decreto municipal, o prefeito Renato de Mello Vianna nomeou a Junta Diretiva Provisória da Fundação Pro Estádio Regional, recaindo escolha nos nomes dos srs. Jorge Buechler, Olandio Baron e Nildo Teixeira de Mello.

— DIA 11, — No Centro Cultural 25 de Julho foi promovida uma

Noite de Teatro a cargo do Grupo Teatral 25 de Julho, de Porto Alegre.

— DIA 13 — Por não ter conseguido chegar a tempo, a sra. Dolores Maria Dickmann, residente em Blumenau, deu à luz a uma linda menina, no interior do automóvel particular que a conduzia até a maternidade do hospital Santa Isabel. Não tendo sido possível conduzi-la à sala de parto, pelo adiantado do nascimento, a menina nasceu quando o carro estacionou à porta do hospital, tendo a parturiente, no entanto, sido atendida ainda pela parteira do hospital. Mãe e filha passaram bem e o parto pode ser considerado como normal, apesar da forma com que foi registrado.

— DIA 15 — O prefeito Renato de Mello Vianna assinou lei dando nome, a ruas de Blumenau, em número de cinco. São elas: Rua Gertrudes Moritz, no bairro Progresso, Garcia. Rua Sertões, na Velha. Rua José Caetano Barni, no bairro da Escola Agrícola. Rua Vital Brasil, na Fortaleza. Rua Carlos Kath, em Itoupavazinha.

— DIA 17 — Nesta Sexta-feira Santa, realizou-se concorrida procissão do Senhor Morto, revivendo-se, em Blumenau, o ato religioso que sempre marcou, na cidade e bairros, o fervor cristão do povo Blumenauense.

— DIA 17 — Iniciaram-se em Blumenau os trabalhos do Seminário Nacional sobre a Lei de Diretrizes e Bases de Educação, tendo como local o Teatro Carlos Gomes.

— DIA 18 — No Centro Cultural 25 de Julho, realiza-se concorrida festa destinada aos filhos dos associados, a partir das 17,00 horas. Trata-se de uma promoção já tradicional naquela popular sociedade.

— DIA 22 — No Centro Cultural 25 de Julho, realiza-se um show artístico à cargo do Trio ROSENAU, da Alemanha.

— DIA 27 — Foi assinado, pelo prefeito Renato de Mello Vianna, decreto aprovando o texto do Regimento Interno da Secretaria de Turismo recém-criada na municipalidade blumenauense.

— DIA 30 — No Teatro Carlos Gomes, tem lugar o recital de Piano da pianista Elisa Coigt, natural de Jaraguá do Sul e atualmente residindo em Blumenau.

— DIA 30 — O Centro Cultural 25 de Julho fez uma das mais belas promoções sociais do ano, ao realizar o "Haus Ball", (Baile caseiro), com refeição típica, muita alegria e animação da excelente orquestra "Os Vilanenses".

— DIA 30 — No Teatro Carlos Gomes realizou-se um ciclo de palestras promovido pela Prefeitura de Blumenau através do Departamento de Serviços Urbanos e que contou com a presença de professores da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, cuja finalidade foi de discutir sobre a viabilidade econômica do aproveitamento o lixo urbano para fins industriais e agrícolas.

“Deutscher Turnverein zu Joinville”

Elly Herkenhoff

(Continuação do número anterior)

Hoje a bandeira da Sociedade de Ginástica não mais existe. Desapareceu durante a Campanha de Nacionalização decretada pelo Governo Getúlio Vargas, em 1938.

Não — não foram fáceis os primeiros anos para os ginastas de Joinville. A crônica da Sociedade, elaborada em 1908 pelo ginasta Alban Schmidt e transcrita no livrete publicado em 1933, por ocasião do 75º aniversário, em língua alemã, nos conta:

“Mais tarde, sobrevieram outras preocupações. Havia necessidade de um cadeado para a porta da frente do rancho. O seu preço foi de 400 Réis. Depois apareceram várias goteiras, porque a cobertura do rancho estava apodrecendo. Ah! E tanta, tanta coisa ainda aparecia — tanta coisa que dava preocupação e tornava necessária a convocação de reuniões e assembléias gerais! Depois que o rancho foi mais uma vez submetido a um conserto geral, ele se tornou velho e imprestável, sendo assim inadiável a construção de novo galpão, que deveria ser levantado com o mínimo de despesas, conforme decisão e determinação da assembléia geral.

O custo total da construção estava orçado em 130\$000 Réis. No entanto, após a prestação de contas da comissão de construção verificou-se um superavit de pouco mais de 2\$000 Réis. . .

A 3 de abril de 1869 realizou-se a primeira reunião no novo rancho. Em regozijo ao evento foi adquirida uma nova lâmpada a querosene e uma nova flâmula para o antiquíssimo coqueiro. . .”

Com o tempo, foi se evidenciando, cada vez mais, a necessidade de uma sede própria, não só para os exercícios em dias de chuva, mas também para que as festas, os bailes principalmente, se pudessem realizar “em casa” e não mais em salões alugados. E já na assembléia geral de 19 de abril de 1879 foi nomeada uma comissão para estudar as possibilidades, mas somente em 1897 é que se pôde, realmente, pensar na concretização do arrojado plano. Ainda de acordo com o nosso cronista Alban Schmidt, em julho daquele ano a caixa apresentava o fabuloso superavit de 48\$850 Réis. Diante dessa situação inédita, não somente houve necessidade absoluta de providenciar um cofre, mas também se decidiu, corajosamente, a imediata construção da sede, e com a emissão de títulos e a afluência de contribuições voluntárias da parte dos sócios, o plano foi levado avante.

“Dos 17 Contos de Réis dispendidos”, escreve Alban Schmidt a 16 de novembro de 1908, “ainda estamos devendo 800\$000 Réis, mas em breve essa importância será amortizada, para depois então atacarmos a construção da ala direita e todo o acabamento interno da nossa sede. . .”

É evidente que para uma obra daquele vulto, os fundos disponíveis só tinham de esgotar-se antes do tempo, apesar de todos os sa-

crifícios. Assim é que em novembro de 1899, quando a construção já se aproximava do seu final, a diretoria ainda fazia um apelo, por intermédio do "Kolonie-Zeitung", à boa vontade de cada um...

Mas, enfim, a 25 e 26 daquele mês de novembro de 1899 chega o dia da inauguração da nova sede! As festividades — como não podia deixar de acontecer na Joinville de nossos avós — se iniciam na noite do sábado, com uma grandiosa "marche aux flambeaux" pelas ruas da Cidade em direção à sede. Há fogos de bengala no pátio, decorado com dezenas de bandeiras, fitas, flores e palmeiras, há centenas de lamparinas iluminando a fachada do prédio, há discursos comovidos e aplausos frenéticos, há bandas de músicas e canções a três ou quatro vozes, cantadas por corais da Cidade, entre os quais o coral infantil célebre pelas suas apresentações. E no dia seguinte, domingo, há competições das mais variadas dos ginastas e quermesse com mil e uma atrações e comidas e bebidas e bandas de música e os corais com as suas canções e a sua alegria...

E, como não podia deixar de acontecer na cidade dos muitos poetas repentistas, no "Kolonie-Zeitung" do dia 28, uma ode aos ginastas, pelo feliz evento...

As "festas populares" dos ginastas marcaram todo um longo período no passado de Joinville. As comemorações dos diversos jubileus — em 1908, 1923, 1933, 1958 — levaram o nome de Joinville para além das fronteiras do Estado e mesmo do País, já porque nas competições então realizadas com associações congêneres vindas de outras cidades, os ginastas joinvillenses sempre ocuparam lugar de destaque, assim como se destacaram em sua inúmeras apresentações em outras localidades.

Desde o começo se deu muita importância à "Knabenriege" (Secção de Meninos) e, conforme se depreende das várias notícias do "Kolonie-Zeitung" e outras informações, a secção se distinguiu, pela sua disciplina, durante longos anos. O nosso cronista Alban Schmidt, em sua já mencionada crônica, publicada em 1908, assim se expressa:

"Os meninos se dedicam com muito amor e entusiasmo aos exercícios e quando são convocados — como ponto alto de nossa Sociedade — nas ocasiões especiais, quando têm oportunidade de mostrarem as suas habilidades aos marujos brasileiros e alemães, que de vez em quando nos visitam — como brilham os seus olhos, diante dos merecidos aplausos e elogios que recebem...".

E o "Kolonie-Zeitung" ao fazer o relato das magníficas festividades comemorativas do 50º aniversário de fundação, em 1908, diz o seguinte:

"...Mas o ponto culminante, tanto nas apresentações à tarde como à noite, foi como sempre, a "Knabenriege", que está sendo ins-

truida — e nunca será demais insistir nesta afirmação — com tamanho amor e paciência e compreensão pelo senhor Wilhelm Manteuffel, no sentido exato do Mestre Jahn, visando a formação e educação de homens fortes e disciplinados, ao serviço da Pátria...”

(Continua no próximo número)

Gustavo Adolfo Konder

Dia 11 de março do corrente ano, ocorreu o falecimento, no hospital Santa Isabel, vitimado por um colapso cardíaco, o sr. Gustavo Adolfo Konder.

Nascido em Itajaí, a 29 de julho de 1905, Gustavo Adolfo Konder era filho de Marcos Konder e de dona Maria Corina Regis Konder.

Desde seu nascimento, Gustavo Adolfo Konder não possuía o dom da voz nem da audição. Por isso, foi preciso, tanto de sua parte quanto de sua dedicada progenitora, muito esforço e dedicação, para que ele conseguisse aprender a ler e escrever, chegando, na sua vida adulta, a tornar-se escritor e jornalista de reconhecidos predicados.

Mas, além das letras, Gustavo Adolfo Konder também sentiu despertar dentro de si, o dom da arte, da pintura, tornando-se um dos mais destacados pintores de sua época, cujos quadros sempre foram e continuam sendo admirados.

Gustavo Adolfo Konder, foi, durante toda a sua vida, um assíduo colaborador da imprensa catarinense, tendo feito parte do corpo redatorial do “Jornal do Povo”, de Itajaí, e colaborado com esta revista, abrilhantando, com seus trabalhos, suas páginas ao longo de muitos anos.

Parte do acervo cultural do ilustre cidadão ora desaparecido, acaba de ser doado ao Arquivo Público e Histórico da cidade, ou seja, à Fundação “Casa Dr. Blumenau”.

Gustavo Adolfo Konder viveu em Blumenau desde 1926, tendo sido exator federal da Segunda Exatoria Federal, de Itoupava Seca, em cujas funções alcançou merecida aposentadoria.

Ao falecer, aos 75 anos de idade, Gustavo Adolfo Konder deixou viúva a sra. Renata Spernau Konder.

No registro do acontecimento, “Blumenau em Cadernos” presta sua homenagem ao ilustre falecido, exemplo de tenacidade, amor à vida e força de vontade, apresentando à família enlutada sentidas condolências.

CURT HERING

8 de maio de 1981 — esta data assinala o centenário natalício de um grande Blumenauense: CURT HERING.

Dos dez filhos de Friedrich Hermann Hering e de sua mulher Minna, nata Foerster (três homens e sete mulheres), nove nasceram na Alemanha. Curt Hering, o caçula da família, foi o único nascido no Brasil, o que ocorreu no dia 8 de maio de 1881, quando a nascente indústria, de âmbito meramente doméstico, completava o seu 1º ano de vida.

É-me sobremodo grato e honroso, a mim que estou ligado à Cia. Hering pelo dilatado espaço de quatro décadas, traçar, ao ensejo do transcurso de tão significativo evento, o perfil biográfico deste grande Blumenauense, deste grande Brasileiro.

Oriundo de um lar cristão e bem formado, Curt Hering temperou o seu caráter na escola do dever e do trabalho útil e honesto. Modesto por excelência, ele sempre se impôs à estima e ao apreço dos seus contemporâneos, máxime daqueles que tiveram a felicidade de privar do seu convívio e da sua amizade.

Do seu consórcio com Hedwig Kleine houve dois filhos, Ingo e Isolde.

Ingo Hering, casado com Lili Weege, é um digno continuador da obra de seu saudoso pai. Por isso que tem igualmente expressiva cabedal de reais e valiosos serviços prestados à vida empresarial, política e social da Comunidade Blumenauense.

Isolde Hering casou, em primeiras núpcias, com o emérito advogado e insigne homem de cultura Dr. Max Tavares d'Amaral, cujas atividades tiveram grande destaque e larga projeção, inclusive na vida pública brasileira. Infelizmente, porém, sua existência teve curta duração.

Dieter, Ivo e Uta são os três filhos de Ingo Hering. Os dois primeiros, representantes da 4ª geração, são atuantes diretores da Cia. Hering.

Márcio e Carlos são os filhos de Isolde Hering. O primeiro, intelectual e advogado, exerce as suas atividades na cidade do Rio de Janeiro e o segundo, engenheiro, na Cia. Hering, em Blumenau.

Curt Hering teve atuação marcante no setor empresarial, na vida pública e no campo social. E sempre se houve com a serenidade, ponderação e sensatez que marcaram a sua inconfundível personalidade de homem e de cidadão.

Dotado de precoce tino comercial e financeiro, bem cedo assumia considerável parcela de responsabilidade nos negócios da empresa fundada por seu pai e o seu tio Bruno. E à frente desses negócios permaneceu até a sua morte prematura, ocorrida a 26 de dezembro de 1948, quando contava apenas 67 anos de idade.

Mercê da larga visão que lhe era peculiar, ajudou a fundar e

orientou várias outras empresas importantes deste próspero Vale, dentre as quais salientamos a Companhia Fábrica de Papel Itajaí, a Empresa Força e Luz Santa Catarina, cujo controle acionário fez retornar a Blumenau, a Fábrica de Gazes Medicinais Cremer S. A. e o Banco Agrícola, embrião que foi do Banco INCO, adquirido posteriormente pelo BRADESCO.

Dono de acentuado espírito público, a sua atuação na vida pública circunscreveu-se, porém, apenas à sua Comuna. Durante o período de 1918 a 1923, exerceu o mandato de Conselheiro Municipal. E quando o antigo título de Superintendente foi substituído pelo de Prefeito, Curt Hering foi o primeiro mandatário a exercer o cargo sob esta nova denominação. Foi eleito por dois períodos consecutivos (1913-1930), sendo que este último interrompido pela Revolução vitoriosa de 1930.

A sua gestão profícua e altamente honesta à frente dos negócios municipais, foi assinalada por obras e serviços de notório relevo, que muito contribuíram para a maior grandeza e progresso do Município de Blumenau.

No campo social e cultural, Curt Hering se houve também com muita proficiência e alto espírito comunitário, propugnando e realizando obras e serviços de inestimável valor. Dentre outras, cumpre destacarmos as seguintes. Verdadeiro baluarte da cultura musical de Blumenau, fundou a renomada e tradicional Orquestra Sifônica, da qual participou ativamente, e assim também a Sociedade Dramático-Musical "Carlos Gomes", que levaram bem longe e bem alto o prestígio e o bom nome de Blumenau. Desta última foi seu presidente durante vários anos.

No recesso do seu lar, edificante e modelar, foi o grande chefe o esposo exemplar e o pai justo e bondoso.

Eis aí, em rápido bosquejo, o retrato por inteiro de um grande Homem — CURT HERING.

Nestor Seara Heusi.

Banco do Estado de São Paulo SA

banespa

Um dos colaboradores nas edições desta revista

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

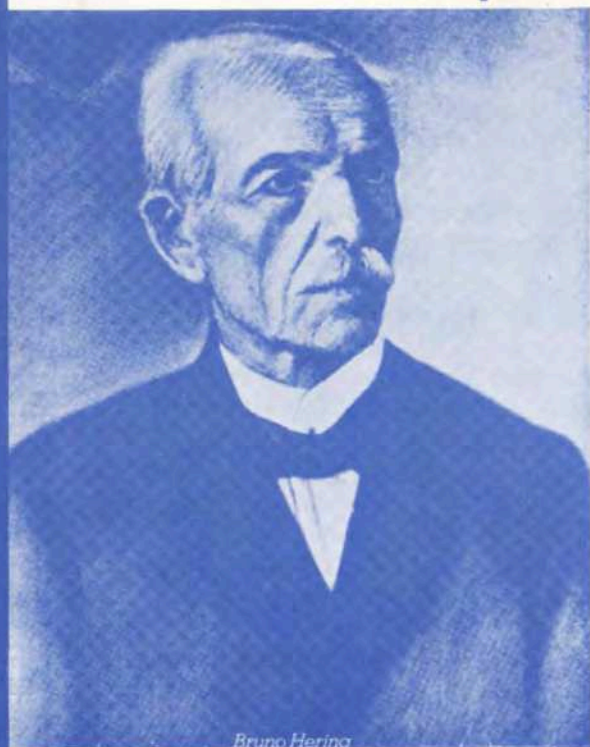
Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *João Carlos von Hohendorf* - advogado; vice-presidente — *Rolf Ehlke* - Industrial.

Membros: *Elimar Baumgarten*, advogado; *Honorato Tomelim*, jornalista; *Ingo Fischer*, advogado, secretário da Educação e Cultura do município; *Altair Carlos Pimpão*, jornalista; professor *Antônio Boing Neto*; *Arno Letzow*, comerciante; *Beno Frederico Weiers*, advogado; *Heinz Hartmann*, repres. comercial; *Prof. Olívo Pedron*.

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

Apresentamos os dois peixinhos da Hering.



Bruno Hering



Hermann Hering

Eles estão fazendo 100 anos.



No ano de 1880, em Blumenau, os irmãos Bruno e Hermann fizeram uma malha de algodão confortável, macia e muito resistente. Desenharam nela um símbolo com dois peixinhos: dois arenques - hering, em alemão.

Em pouco tempo, o pessoal da região estava pedindo as malhas dos irmãos Hering. Eles haviam descoberto que aquelas malhas eram ideais para o clima do país e agüentavam firme o trabalho duro no campo.

100 anos depois, a etiqueta dos dois peixinhos está por aí vestindo todo mundo. Virou moda e foi adotada pela juventude.

É verdade que para conquistar este lugar foi preciso atravessar um século difícil. Muitas vezes os peixinhos tiveram que nadar contra a corrente, enfrentando crises que pareciam insuperáveis, mas que, num balanço final, só conseguiram provocar uma coisa: soluções.

Outra verdade é que os primeiros 100 anos são os mais difíceis.

E hoje é o primeiro dia do centenário da Hering. Nós achamos que esta data merece ser comemorada.

Senhoras e senhores, com vocês, uma idéia que está dando certo há 100 anos: malhas Hering. Sutra 1880.

CIA Hering 
BLUMENAU - SANTA CATARINA



1980 - Ano do Centenário da Hering.